



Novas tecnologias móveis: aspectos sobre o leitor e as redes sociais na Pós-modernidade¹

Sandra Mara Garcia Henriques²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente trabalho busca compreender como se desenvolvem as relações entre os leitores e as novas tecnologias, inseridos no contexto da sociedade Pós-moderna. Para este fim realizamos uma pesquisa bibliográfica acerca do tema e uma pesquisa empírica com acadêmicos do curso de Comunicação social da PUCRS. O objetivo é tentar entender como os indivíduos vêm se apropriando da telefonia móvel em seus processos de percepção e interação social.

PALAVRAS-CHAVE: Leitor; tecnologias móveis; Pós-modernidade; redes sociais

Introdução

A partir da segunda metade do século XX as tecnologias da informação entraram num processo rápido e constante de aperfeiçoamento. O que na década de 50 começou com o desenvolvimento da informática e da cibernética, 40 anos depois se transformou em uma rede mundial de computadores interligados por todo o planeta. Assim, com o surgimento da web, as possibilidades de uma maior aproximação entre os sujeitos vêm estimulando a interação social e a interferência destes naquilo que é produzido no ciberespaço. Este novo contexto mistura-se ao nosso ambiente cultural quase que de maneira imperceptível.

Através do rápido progresso tecnológico surgem novas formas de socialidade que são proporcionadas e difundidas através de redes estabelecidas pelos meios digitais. Novas concepções sociais estão sendo construídas, revelando particularidades que são

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Multimídia do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS e Bolsista de Mestrado do CNPq. Orientada pelo Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda. E-mail: sandra.henriques@ig.com.br
O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.



características da emergência que a sociedade atual tem em interferir no processo comunicacional. Neste sentido, pode-se observar que as formas dos indivíduos interagirem são alteradas pelo desenvolvimento da internet e da web e pela potencialidade na qual esta última possui na ampliação do contato entre os indivíduos. Com sua descoberta, as referências de espaço-tempo que determinavam territorialmente o processo de comunicação entre os sujeitos foram sendo caracterizadas pela possibilidade de uma interação virtual mediada pelo computador.

Estas novas formas de comunicação entre os indivíduos estão inseridas em um contexto: a pós-modernidade, quem tem como base a valorização dos indivíduos, das tribos e do cotidiano. A vontade de formação de grupos parte dos indivíduos criando uma ruptura nos processo racional da modernidade. As relações sociais pós-modernas se dão de forma fluída e instantânea, sendo construídas em busca do prazer e da felicidade dos indivíduos. Este trabalho tem como objetivo compreender como estão se desenvolvendo as relações sociais e os processos percepção e de apropriação das novas tecnologias móveis pelos indivíduos, diante do contexto da sociedade pós-moderna.

1. As relações sociais na Pós-modernidade: por Lipovetsky e Maffesoli

A sociedade ocidental passa por diversas transformações desde a década de 70. A crença numa única verdade que explique os fenômenos sociais perdeu espaço para muitas indagações acerca de nosso contexto vivido. Valorizamos mais o cotidiano, do que a racionalidade das questões que podem ser comprovadas cientificamente. Atualmente o que une a sociedade são as vontades humanas, exaltando o individualismo, sem deixar de lado uma forma de solidariedade voltada às emergências dos outros indivíduos.

As relações sociais são mais efêmeras e inconstantes, mas o desejo de construção dos laços sociais permanece e é constantemente potencializada pelas novas tecnologias. Os vínculos sociais se renovam a cada dia a partir de elementos minimalistas que envolvem e constroem o cimento social. O coletivismo se manifesta através da sinceridade sucessiva, da vivência do aqui - agora, desenhando os contornos, os enquadramentos da vida social.

O homem hoje é mais livre, independente, autônomo e crítico em relação às instituições o que cercam. O conhecimento está também naquilo que vivemos no dia-a-dia, como o frívolo, a emoção e a aparência.



Nesse sentido buscaremos observar como a Pós-modernidade é vista por dois importantes teóricos que dedicam seu trabalho a estudar esse novo contexto. Nossa proposta é compreender como eles abordam as relações sociais, a coletividade e formação de grupos diante desse processo social.

1.1 A Hipermodernidade de Lipovetsky

Gilles Lipovetsky, filósofo francês, parte do conceito de que vivemos em uma sociedade Hipermoderna, afirmando que, o contexto pós-moderno que abala os alicerces da racionalidade moderna e revela o fracasso das grandes ideologias sendo caracterizado por um processo de individualização e pluralização de nossa sociedade, já “ganhou rugas”, e que o contexto atual é totalmente dominado pelo *hiper* – hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hipermercado, hipertexto – O que não é mais *hiper*? Questiona o autor (LIPOVETSKY, 2004).

Para o autor, o termo Pós-modernidade era ambíguo, desajeitado e vago, pois o que a sociedade está vivendo neste momento é uma nova forma de modernidade, e não uma superação da anterior. O que podemos observar atualmente é uma hipermodernização do mundo. O fracasso das metanarrativas, a decadência das grandes ideologias e das decepções políticas, não são apenas os fatores que caracterizam nossa sociedade atual, mas as novas paixões, novos sonhos, novas seduções manifestadas dia após dia pelos indivíduos foram o que fizeram mudar nosso tempo.

Eis o fenômeno que nos modificou: é com a revolução do cotidiano, com as profundas convulsões nas aspirações e nos modelos de vida estimuladas pelo último meio século, que surge a consagração do presente. (LIPOVETSKY, 2004, p. 59)

Assim, Lipovetsky acentua que vivemos o fim das ideologias, o surgimento de uma cultura hedonista, uma nova forma de ver a comunicação e o consumo de massa e a valorização do prazer e da felicidade. A sociedade de consumo e do culto ao corpo predomina em nosso contexto atual, revelando um indivíduo não mais engajado em causas coletivas, mas mais voltado para a busca de sua felicidade, de sua satisfação pessoal. E nesse contexto o hiperindividualismo é determinante nas relações sociais, onde os indivíduos são cada vez mais voltados para si, para o prazer, e são cada vez mais senhores de si mesmos. As novas tecnologias propiciam a informação e a interação a qualquer momento, e assim fazem essas práticas de forma cada vez mais individualizada.



Sob muitos aspectos, ao contrário do que se diz com frequência, quando se fala de tribos, de clãs e de novas comunidades, não há de forma alguma esgotamento do individualismo, mas disseminação em espiral de sua dinâmica. (LIPOVETSKY, 2004, p. 20)

O indivíduo não se distancia da formação das relações grupais, mas passa a perceber que é responsável por si mesmo. As reuniões coletivas são instáveis e frágeis, porém a valorização emocional das relações se ressalta, fazendo com que em cada vínculo que um indivíduo construa com o outro, seja permeado de sentimentos. Esse resgate nas relações se dá devido às pressões temporais da sociedade. Nesse sentido, ele nos traz as questões referentes à moral, salientando que atualmente vivemos em uma sociedade pós-moralista, que exalta a felicidade, os desejos, o ego e o bem-estar individual. Não estamos mais vivendo em uma sociedade de sacrifícios, doutrinária e que necessita de uma explicação para todos os atos sociais. A sociedade Hipermoderna se direciona mais aos direitos, do que aos deveres dos indivíduos.

“Daí o paradoxo da era pós-moralista: quanto mais se manifestam os desejos da autonomia individualista, mais ações morais de generosidade são impulsionadas, estimuladas, pelo exterior.”(LIPOVETSKY, 2004, p.29)

É como uma moral emocional e indolor que se manifesta nos grandes desesperos humanos. Esses valores pós-modernos permitem a liberdade de opiniões e o voluntarismo quebrando os imperativos que regulavam o convívio social. Os juízos de valor na modernidade dividiam a sociedade em parâmetros racionais e de certa forma discriminavam quem não possuía um conhecimento especializado acerca de determinado assunto. A solidariedade permeia as relações atuais, embora hiperindividualizado, o sujeito busca levar ao outro uma assistência, é um processo determinado pela escolha do indivíduo, uma moral que parte mais de seu próprio ser, do que de uma exigência social ou institucional.

O autor, no entanto, ressalta que não vivemos numa crise da moral, mas sim estamos recompondo um forte consenso social em torno dos valores de base das nossas democracias, como os direitos do homem, o respeito às liberdades e à individualidade, a tolerância e o pluralismo (LIPOVETSKY, 2004).

O que podemos observar na forma de Lipovetsky tratar a Hipermodernidade é que ela hoje permeia as relações sociais de maneira mais aberta ao pluralismo de opiniões e manifestações individuais. Os grupos sociais são caracterizados pela fluidez,



pela instantaneidade e pelo efêmero. Essa sociedade atual se reúne a partir das vontades individuais.

Embora utilizem termos diferentes para caracterizar o mesmo contexto social atual – Hipermodernidade (Lipovetsky) e Pós-modernidade (Maffesoli) - as ideias de Gilles Lipovetsky são semelhantes aos conceitos de Michel Maffesoli, acerca da sociedade em que vivemos. Assim, realizaremos um paralelo entre esse dois pensadores para que seja observada com maior amplitude alguns dos conceitos que são desenvolvidos como característicos da era pós-moderna vivida em nossa sociedade atual.

1.2 Maffesoli e a valorização do cotidiano

Para Michel Maffesoli, sociólogo francês, a Pós-modernidade é uma sinergia entre a tecnologia de ponta e o arcaico. O arcaico representa o desejo da existência do laço social; a tecnologia potencializa a construção desses laços. Segundo ele:

“(...) a pós-modernidade não seria unicamente uma nova fase no processo dialético da história, ou um novo momento na grande marcha real do progresso, mas antes uma sensibilidade específica que, sempre e novamente renasceria em lugares e épocas diferentes.”
(MAFFESOLI, 1996, p. 61)

A partir de sua ótica, a Pós-modernidade inaugura uma forma de solidariedade social, não contratual, mas elaborada a partir de um processo de emoções, repulsões, atrações e paixões. É nesse contexto que essa nova maneira de ver o mundo se constrói, as relações são mais espontâneas e realizadas a partir da vontade dos indivíduos. Para Maffesoli a pós-modernidade é uma mistura orgânica entre elementos arcaicos e contemporâneos.

A ética, que agrega o grupo, se transforma em estética, torna-se emoção, enaltece o comum. O laço social torna-se emocional, caracteriza-se pela ordem da proximidade. Neste caso esta proximidade será observada na relação entre os indivíduos em comunidades virtuais formando redes sociais. Trataremos como um processo de agrupamento de pessoas ao redor de um interesse comum, proporcionando através da interação, a construção de laços sociais entre os indivíduos.



“Como uma colcha de retalhos, a pós-modernidade é feita de um conjunto de elementos totalmente diversos que estabelecem entre si interações constantes feitas de agressividade ou de amabilidade, de amor ou de ódio, mas que não deixam de constituir uma solidariedade específica que é preciso levar em conta.” (MAFFESOLI, 1996, p. 15-16)

O conceito trazido por Maffesoli trata as relações diante do contexto atual, como socialidade, na qual ele ressalta que os indivíduos se agregam de forma espontânea e por afinidades, não por uma relação formada por regras e instituições.

Durante o processo de socialização, os sujeitos buscam uma forma de interação, que envolva elementos que levem a troca de idéias e contextos vividos. Os laços sociais se constroem a partir das conexões que se fazem perante aquilo que os indivíduos possuem em comum. Para Maffesoli (2000), é a “força da atração” daqueles que pensam e sentem como o outro, é ela quem faz com que a interação ocorra entre aqueles que têm os mesmos interesses e vontades “a ligação entre a emoção compartilhada e a comunalização aberta é que suscita essa multiplicidade de grupos, que chegam a constituir uma forma de laço social, no fim das contas, bem sólido” (MAFFESOLI, 2000, p. 18).

Este laço social é algo que está relacionado a uma questão de estar junto, de troca, de pertencer ao grupo. Pode-se avaliar que há uma relação de prazer no contato com o outro. Para o autor o essencial se encontra na invariabilidade do homem em sociedade, na comunhão, na mais-valia do vivido. A doura ignorância, e o senso comum são formas importantes de perceber o contexto social e as relações humanas, deixando de lado apenas um processo racional.

Para Maffesoli, a sociedade passa por uma reconfiguração. As novas tribos urbanas emergem demonstrando que o estar-junto por vontade, por interesse em comum é o que predomina em nossa vida social. “Ao lado da existência de uma sensação coletiva, vamos assistir ao desenvolvimento de uma lógica de rede” (MAFFESOLI, 2000, p. 121), ou seja, os processos de atração entre os indivíduos se farão por escolha. É o que o autor chama de sociedade eletiva.

Diante disso, mostramos como as relações podem ser caracterizadas, em nosso contexto atual pós-moderno, demonstrando que os indivíduos se reúnem e grupos por sua própria vontade, sem uma normatização ou regras. Assim, partimos para o estudo de como se desenvolvem as interações nestes grupos, que acabam formando redes sociais.



A internet seria um instrumento potencializador destas relações, aproximando indivíduos que estão inseridos em contextos sociais e culturais diferenciados.

2. Novos agrupamentos, novas redes, novas plataformas: Como estamos interagindo?

Procurar compreender como os indivíduos se manifestam individualmente e em coletivos, sempre fez parte das indagações sociais. Na sociedade atual, a qual o ciberespaço é o lugar comum de interação de milhares de pessoas no mundo inteiro, novas formas de relações sociais vão sendo construídas diariamente. Diante deste contexto, da sociedade em Rede (CASTELLS, 1996), é possível perceber que a ampliação das tecnologias foi fator determinante para a potencialização da comunicação entre os sujeitos, que passam cada vez mais a interagirem entre si através de mediação de computadores e tecnologias de acesso à internet sem fio (telefones celulares, Wi-Fi).

Estas redes são observadas na relação entre atores (pessoas, instituições e grupos) e suas conexões, tratando-se de uma abordagem focada nas estruturas sociais (RECUERO, 2006).

No ciberespaço, estas redes são ampliadas devido à potencialidade da interação mediada pelo computador, o que determina que uma organização social diferenciada seja realizada entre os internautas. Destas organizações surgem as comunidades virtuais. Segundo Rheingold (1993), as comunidades virtuais são os agregados sociais surgidos na Rede (Web), quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço. Estas novas formas de agregações se apóiam em *softwares* (*blogs*, *fóruns*, *chat's* e sites de relacionamentos) que permitem a construção e consolidação das interações. As comunidades virtuais podem ser tratadas como tentativas de explicar como se processam as redes sociais na Internet, através de seu potencial de interação. Porém, com o desenvolvimento da comunicação sem fio, móvel, novas modificações nas práticas sociais vêm ocorrendo, mostrando as potencialidades que as comunidades virtuais, antes desterritorializadas no ciberespaço, têm de se reterritorializar em espaços físicos.

As trocas de informações e a interação estão cada vez mais sendo realizadas através de sistemas de internet sem fio (“Wi-Fi” e “Wi-Max”) e telefonia móvel, através dos celulares. São as tecnologias nômades (laptops, palms e celulares) que vem



proporcionando que os indivíduos interajam e expandam seus contatos através destas redes telemáticas (LEMOS, 2005).

A mobilidade é o movimento dos corpos em espaços, localidades e entre espaços públicos e privados. Através da mobilidade amplia-se a possibilidade dos indivíduos trocarem informações sobre um determinado fato, ampliando a capacidade das trocas e proporcionando a formação de grupos. O “cordão-umbilical” da Internet fixa com as paredes se rompe e nasce uma rede nas ruas, nas praças e até em outros lugares entre paredes. (PELLANDA, 2005, p. 84)

As novas formas de comunicação sem fio estão redefinindo o uso do espaço de lugar e dos espaços de fluxos (CASTELLS, 1996). Estes espaços vêm construindo novas tribos urbanas nômades (MAFFESOLI, 1996), que estão ligadas entre si através de aparelhos móveis conectados à internet.

Algumas formas de agrupamentos já podem ser vistas através da potencialização das tecnologias móveis, como as *smart mobs*, grupos formados que se unem em multidões para realizar um conjunto de práticas com finalidades artísticas, ou até mesmo com um cunho ativista em relação a determinado fato. Elas são constituídas por pessoas que são capazes de agirem juntas mesmo sem se conhecer. As pessoas que participam dos *smart mobs* cooperam de maneira inédita porque dispõem de aparatos com capacidade tanto de comunicação como de computação (RHEINGOLD, 2002). Outra tendência na formação destes grupos é chamada de *flash mobs*, que, embora sejam caracterizadas da mesma forma das *smart mobs*, possuem uma peculiaridade: a instantaneidade e a rápida dispersão dos indivíduos. Para Lemos:

Podemos dizer que as “*smart mobs*” são fenômenos de massa. Elas se caracterizam por serem: 1. abertas que tendem a crescer e onde reina a igualdade (a massa formada é aberta a priori, constituída de indivíduos que não pertencem ao mesmo grupo e que vão exercer o sentimento de igualdade juntando-se); 2. elas são rítmicas (vão no movimento da convocação – por SMS, *e-mails*, *blogs* – onde “*a densidade é conscientemente estruturada para esquivar e reaproximar*”) e; 3. Elas são rápidas. (2005, p. 13)

O que diferencia as *smart mobs* de outras multidões organizadas é o uso de tecnologias digitais móveis como potencializadores destas agregações em espaços públicos. Estes agrupamentos caracterizam as relações sociais pós-modernas, nas quais, como já observamos, são realizadas de maneira individualista, fluida, instáveis e frágeis,



porém a valorização emocional das relações se ressalta, fazendo com que em cada vínculo que um indivíduo construa com o outro, seja permeado de sentimentos.

Estar redes marcam lugares físicos de concentração. Reinghold (2002) denomina esses agrupamentos como redes sociais ad hoc móveis, termo utilizado para denominar o “coletivos inteligente”. Segundo Santaella:

“Ambos, no entanto, descrevem uma forma social que nasce da soma da computação, comunicação e sensores de localização e é, possibilitada pela conexão móvel. (...) Rede social, por seu lado, quer dizer que cada indivíduo de um coletivo inteligente é um nó que tem laços sociais (canais de comunicação e vínculos sociais) com outros indivíduos” (2007, p. 187)

A proliferação das redes em nosso atual contexto vem sendo potencializada através do acesso de alta velocidade pelos 3G e Smartphones. Com o lançamento do iPhone 3G, o acesso às redes através dos celulares tornou-se cada vez mais intensificados. Estima-se que até o ano de 2012, o acesso a redes sociais através de celulares será de 975 milhões de internautas em todo mundo³. No Brasil a estimativa é de que em 2013 os acessos de 3G deverão representar 38% do total de celulares no país, com 83 milhões de assinantes⁴.

Com as redes sociais, acessadas através de tecnologias móveis, os internautas poderão não somente observar os perfis das pessoas, mas também ter acesso a sua localização geográfica para enfrentarem novas situações sociais ocorridas no cotidiano.

Salientamos as possibilidades proporcionadas pelo uso da internet através das tecnologias móveis para a formação de redes sociais, de novas tribos. Na próxima etapa de nosso trabalho, buscaremos compreender como se dá a linguagem, as apropriações realizadas pelos internautas, como estes utilizam as novas tecnologias em seu cotidiano.

3. A leitura e as novas tecnologias. Quais os tipos de leitores da sociedade Pós-moderna?

Com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, novas formas de apropriação, percepção e cognição dos suportes de leitura estão aos poucos se voltando aos meios eletrônicos, e assim mostrando que novos tipos de leitores vêm surgindo com o passar dos anos.

³ Dados retirados do site <http://www.instat.com/press.asp?ID=2321&sku=IN0804034MCM>

⁴ Dados retirados do site <http://oglobo.globo.com/economia/mat/2009/12/11/acesso-movel-web-vai-ultrapassar-rede-fixa-no-fim-de-2010-915155319.asp>



Segundo Santaella (2004) há três tipos de leitores:

1) *o contemplativo, meditativo* que estabelece uma relação silenciosa com a leitura, muito associado aos livros impressos. Para ela, “a leitura do livro é, por fim, essencialmente contemplação e ruminação, leitura que pode voltar às páginas, repetidas vezes, que pode ser suspensa imaginativamente para a meditação de um leitor solitário e concentrado” (2004, p. 24);

2) *o movente, fragmentado*, o leitor que surgiu com a mobilidade de comunicação, através do telégrafo, do telefone e dos jornais. “O mundo público moderno foi se marcando pela lógica do consumo e da moda que estabelece um novo estatuto para a percepção e a imaginação (...) (SANTAELLA, 2004, p. 26)”. Este leitor possui novas formas de contemplação do mundo nos cenários voláteis das cidades. A autora trata da publicidade como a nova forma de comunicação pública que traz a proliferação de imagens e mensagens visuais, e ressalta que “a vida cotidiana passou a ser um espectro visual, um desfile de aparências fugidas, um jogo de imagens que hipnotizam e seduzem (SANTAELLA, 2004, p. 28). O leitor movente foi se ajustando aos novos ritmos a que foi submetido, ele esteve preparando a sensibilidade perceptiva humana para o surgimento do terceiro tipo de leitor, o leitor imersivo.

3) *o imersivo, virtual*, que se desenvolve junto ao desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, onde a digitalização de qualquer signo pode ser difundida via computador. A leitura realizada pelos indivíduos é mais voltada ao texto ou imagem eletrônica, ele não manuseia a tela, como faz o leitor contemplativo, o dos livros. Para Santaella:

Trata-se, na verdade, de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão (2004, p. 33).

Segundo a autora, o leitor imersivo se diferencia dos demais pela capacidade de cognição, formações sensoriais e perceptivas e pelas transformações de sensibilidade que este sofre com as possibilidades de navegação interativa proporcionada pelas novas tecnologias de comunicação e informação. É um leitor de linguagens híbridas, hipertextuais tecidas entre imagens e textos. “(...) Afirmando que a linguagem hipermídia presente nos ambientes imateriais do ciberespaço inaugura uma maneira nova de ler. Onde está a novidade?” (SANTAELLA, 2004, p. 177-178), questiona a autora.



O leitor imersivo navega com suas atividades motoras direcionadas as atividades multidirecionais para a infinidade de informações proporcionadas pelo ciberespaço. O infonauta (SANTAELLA, 2004) lê, escuta e olha ao mesmo tempo. Com a chegada do século XXI, os instrumentos do cotidiano tornaram-se nômades, comunicativos e inteligentes e estão à disposição do leitor imersivo em espaços físicos reterritorializantes através de telefones celulares, computadores portáteis ou palmtops. Sua mobilidade é proporcionada pelo acesso às redes de internet sem fio.

4. A mobilidade e a percepção do leitor imersivo

Neste trabalho, buscamos compreender, através da capacidade de ampliação das percepções dos leitores diante da amplitude de informações no ciberespaço, como estes leitores imersivos estão se apropriando das possibilidades proporcionadas pela mobilidade das plataformas de comunicação. Sabe-se que a navegação no ciberespaço, mediada pelo computador, é uma das características que correspondem ao leitor imersivo, no entanto, com a possibilidade da comunicação através das tecnologias móveis, buscamos compreender se esse leitor se utiliza destas plataformas para comunicação e navegação no ciberespaço, como já o faz através dos computadores.

O acesso móvel à internet vem crescendo a cada ano. Estima-se que em 2010 este ultrapasse o acesso a banda larga fixa. Os dados de outubro de 2009 da Anatel contabilizaram em uso 168 milhões de acessos à telefones celulares no país, sendo que 7 milhões eram de clientes de serviço 3G e mais de um terço, cerca de 2,4 milhões, eram terminais de dados. A rede 3G já atende a 63% da população brasileira⁵.

Estes dados mostram o crescimento no uso de tecnologias móveis, o que proporciona a fusão do espaço digital com o espaço físico no momento em que se dão as conexões. A emergência que os indivíduos possuem em estar sempre conectados é um dos fatores que determinam esse crescimento. A disseminação dos nós e da formação de redes sociais também se potencializa com a mobilidade. O que cabe aqui nos questionarmos é se esse leitor imersivo, situado dentro das inúmeras possibilidades de acesso do ciberespaço, está também se apropriando e fazendo parte da mobilidade proporcionada pelas novas tecnologias.

⁵ Dados retirados do site: <http://oglobo.globo.com/economia/mat/2009/12/11/aceso-movel-web-vai-ultrapassar-rede-fixa-no-fim-de-2010-915155319.asp>



A expressão “entrar na internet” hoje já não faz mais parte da vida de diversos indivíduos, como mostram os dados acima. Estes estão sempre conectados, o acesso ao ciberespaço já faz parte de seu cotidiano. No entanto, foi possível observar em pesquisa desenvolvida com alunos de comunicação social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), que embora estes sejam estudantes dos processos de comunicação e informação, o uso de tecnologias móveis ainda não é difundido entre eles.

A pesquisa foi realizada em novembro de 2009 com oito alunos, que em sua maioria, afirmaram utilizar o celular apenas como telefone, não como forma de acesso a internet. Apenas dois pesquisados relataram possuir acesso à internet em seu celular, no entanto, apenas um deles o utiliza para acesso à informação e às redes sociais. Segundo este “o telefone celular facilita minha vida, então porque não usá-lo?”(Pesquisado A).

Para o grupo, a telefonia celular ainda é bastante desvinculada ao uso da internet. Para a maioria as percepções acerca do acesso a internet via celular está relacionado à mundos distantes, que não fazem parte do cotidiano. Estes buscam informações na internet através dos computadores.

Salientamos que, embora o grupo estudado seja pequeno e desta forma não é passível de generalizações, ele nos mostra que mesmo havendo um crescimento expressivo no uso da telefonia móvel com acesso à internet, ainda há pouca apropriação desta plataforma por alguns leitores imersivos.

Algumas constatações, a priori, podem ser realizadas a partir do grupo pesquisado:

- diante de nossa sociedade pós-moderna, que nos proporciona a formação de tribos pela vontade, pelo prazer do estar-junto, a formação de redes sociais se dá em sua grande maioria, ainda através do ciberespaço, mediadas pelos computadores. O leitor imersivo, nesse caso, pode ainda estar preso aos espaços digitais, deixando de vislumbrar a possibilidade de formação de redes sociais em espaços físicos proporcionadas pelas tecnologias móveis. O grupo estudado demonstra que a mobilidade ainda não faz parte do seu cotidiano;
- As questões relacionadas ao valor econômico do uso da internet em telefones celulares, pode ser ainda um fator determinante para a pouca utilização;



- Embora, com todas as possibilidades do acesso à internet e a mobilidade proporcionada pela telefonia móvel, o grupo salienta que o excesso de informações no cotidiano pode prejudicar a percepção do que realmente é importante. O pesquisado B enfatiza “Somos uma geração dependente, nervosa”. Desta forma, podemos constatar, que o leitor imersivo pode se sentir pressionado pelas possibilidades proporcionadas pelo uso da internet. Este pode ser um dos fatores determinantes para a pouca utilização da internet através da telefonia móvel.

Considerações finais

Através deste trabalho, podemos compreender que, embora com as possibilidades das novas tecnologias móveis nos proporcionarem uma amplitude no acesso à comunicação e à informação, existem grupos de indivíduos que ainda não estão se apropriando destes novos meios.

Estes leitores ainda estão imersos na mediação do computador para se manterem conectados ao ciberespaço. A pesquisa demonstrou que, para este grupo, as novas tecnologias móveis estão sendo apropriadas de forma lenta e ainda não estão inseridas em seu cotidiano.

A proposta deste trabalho foi mostrar as potencialidades destas tecnologias e como estas vem crescendo em todo país, embora existam indivíduos que ainda não se utilizam destas formas de comunicação. Assim, buscamos refletir sobre as possibilidades de relações sociais que estão inseridas no contexto da Pós-modernidade e como as tecnologias vem se desenvolvendo dentro deste recorte.

Nossa percepção foi a de que vivemos numa sociedade que está amadurecendo para as possibilidades de novos processos comunicacionais. Nossa sociedade ainda é de leitores imersivos em um ciberespaço preso a mediação do computador, embora os dados apresentados demonstrem que o uso de tecnologias móveis para acesso a internet vem crescendo.

Concluimos este trabalho enfatizando que os processos de leitura possam ainda sofrer mudanças. Passamos do leitor contemplativo, que silenciosamente estabelecia sua relação com o livro, para o leitor movente, que já vislumbrava novas formas de comunicação e informação, até chegarmos ao leitor imersivo, conectado, tendo a sua disposição uma infinidade de informações disponibilizadas no ciberespaço e acessadas através dos computadores. Com a mobilidade proporcionada pelas novas tecnologias,



podemos pensar em leitores imersivos móveis, conectados virtualmente, mas também interagindo em espaços físicos, que poderão agregar outras formas de percepção e leitura.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.
- LEMOS, André. **Cibercultura e Mobilidade: A era da conexão**. 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf>. Acesso em 20/11/2009.
- LIPOVESTKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.
- LIPOVESTKY, Gilles. **Os tempos Hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 1996.
- _____. **O conhecimento comum: Introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2007.
- _____. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Forense Universitária. Rio de Janeiro. 2000.
- PELLANDA, Eduardo C. **Internet móvel: Novas relações na cibercultura derivadas da Mobilidade na comunicação**. Tese de doutorado. PUCRS, 2005
- RECUERO, Raquel da C. **Memes em weblogs: Proposta de Taxonomia**. 2006. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/viewFile/1969/1785>. Acesso em 12/11/2009.
- RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Editora Gradiva, 1993.
- _____. **Multitudes inteligentes. La próxima revolución social**. Barcelona: Gedisa, 2002.
- SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- _____. **Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Palus, 2004.